
Resenhas

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra**: uma análise teórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 331p. ISBN: 85-336-1950-2.

Um dos desafios que põe à prova acadêmicos de Relações Internacionais desde o término da II Guerra Mundial é a elaboração de teorias que combinem alcance explicativo, coerência e parcimônia. Kenneth Waltz, um dos mais destacados pensadores de Relações Internacionais ainda vivo, é lembrado por ter tentado superar esse desafio – especialmente com **Theory of International Politics**. Com essa obra, Waltz tentou formular uma teoria sistêmica das Relações Internacionais, ficando reconhecido por ser fundador da corrente de pensamento que se convencionou chamar neo-realismo. Prova do valor de seu trabalho é o fato de o Professor Emérito da Universidade de Califórnia, Berkeley, ter sido agraciado com o prêmio James Madison – concedido pela American Political Science Association – por sua contribuição à ciência política.

O Homem, o Estado e a Guerra, cuja primeira edição data de 1959, é a publicação da dissertação de doutorado, **Man, the State and the State System in Theories of the Causes of War**, defendida em 1954 na Universidade de Columbia. Segundo o próprio Waltz, esse livro não apresentou uma teoria das Relações Internacionais, mas assentou as fundações para que uma fosse elaborada. A intenção não foi construir modelos a partir dos quais fosse possível a dedução de políticas em prol da paz, mas a de fazer um exame dos pressupostos em que modelos existentes estão baseados. Partiu-se do princípio de que, para se explicar como alcançar a paz, deve-se compreender as causas da guerra. Essas causas são explicadas em três níveis de análise.

Waltz denominou cada nível de análise por imagem. Com isso quis sugerir que, como não se pode “ver” diretamente a política internacional, essa é vista conforme um quadro mental. Portanto, as explicações para as causas da guerra podem ser buscadas em qualquer uma das três imagens: a natureza e o comportamento humano; a organização interna dos Estados; o sistema de Estados. Debruçando-se sobre filósofos políticos clássicos, o autor concentra-se naquilo que há em comum entre os adeptos de cada imagem, demonstrando os limites e as possibilidades dessas imagens, e não de modelos específicos.

De acordo com a primeira imagem, as causas mais importantes da guerra são a natureza e o comportamento do homem. As guerras resultam da estupidez e do egoísmo inerentes ao homem, as outras causas das guerras são secundárias e subordinadas a esses fatores. Para a eliminação da guerra é necessária uma

mudança psicosocial do homem. Além de discutir idéias de Santo Agostinho, Espinosa, Niebuhr e Morgenthau, Waltz analisa criticamente diversos modelos da área da ciência do comportamento humano que visam a promoção da paz. O autor demonstra que a tentativa de se explicar tudo pela psicologia fez que não se conseguisse explicar coisa alguma; apontando a necessidade de se usar a análise política para complementar e organizar as descobertas da psicologia na compreensão das causas da guerra.

A segunda imagem está relacionada com a explicação das causas da guerra a partir da organização interna dos Estados. Nessa parte, apresenta-se Karl Marx, Emmanuel Kant e Woodrow Wilson como exemplos de pensadores que acreditam ser necessária uma reforma nos Estados, corrigindo seus defeitos, para se alcançar a paz. Waltz apresenta criticamente a concepção liberal das Relações Internacionais, argumentando que a prescrição liberal é impraticável porque sua análise é inadequada – o problema da guerra, assim como na primeira imagem, pressupõe a possibilidade de perfeição das unidades. Waltz deixa claro que sua crítica às teorias liberais aplica-se a todas as teorias baseadas na segunda imagem. Querendo demonstrar isso, reservou um capítulo para discorrer, com o mesmo tom, sobre o socialismo internacional – tendo sido uma ótima escolha, já que serviu para reforçar seus argumentos sobre a segunda imagem.

A anarquia internacional é objeto de análise da terceira imagem. O filósofo político clássico no qual Waltz se concentra na discussão da terceira imagem é Jean-Jacques Rousseau, pois além desse destacar que as definições sobre a natureza humana são arbitrárias, não possibilitando conclusões sociais e políticas válidas; ainda explica porque o Estado pode ser considerado uma unidade, completa de vontade e propósito. A idéia de Estado como ator unitário é uma premissa importante tanto no pensamento realista como no neo-realista.

Contudo a vontade do Estado, embora geral para seus cidadãos, é particular em relação aos outros Estados. Logo, “a ausência de uma autoridade acima dos Estados para prevenir e conciliar os conflitos que surgem necessariamente de vontades particulares significa que a guerra é inevitável” (p. 235). Ou seja, a guerra acontece pelo simples fato de não haver nada que a impeça. Para corroborar a sua argumentação, Waltz utiliza modelos econômicos, relacionando o ambiente econômico com o da política internacional – ele fará o mesmo em **Theory of International Politics**, para elaborar sua teoria sistêmica. Nessa concepção sistêmica, a liberdade de um Estado é limitada pelas ações de todos ou outros. A explicação dada pela terceira imagem é definitiva porque considera o ambiente anárquico em que os Estados se encontram, não se baseando em irracionalidades do homem ou defeitos dos Estados.

O Homem, o Estado e a Guerra é uma obra de grande porte, com densa discussão teórica, especialmente entre autores da filosofia política clássica. Embora

não tenha apresentado uma teoria, o livro foi essencial para o desenvolvimento da Teoria das Relações Internacionais ao questionar algumas bases do realismo clássico. Trata-se de uma obra para todos os interessados em aprofundar o conhecimento em teoria, uma vez que é o ensaio antecessor de **Theory of International Politics**.

Carlos Augusto Rollemberg de Resende

WATSON, Adam. **A evolução da sociedade internacional**: Uma análise histórica comparativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, 476 p. ISBN: 85-230-0634-6.

As relações internacionais no mundo contemporâneo têm gerado profundos desafios de compreensão tanto para os tomadores de decisão como para a comunidade acadêmica. Esses, por sua vez, têm adquirido uma fecunda preocupação com teorizações adequadas para a compreensão desse mundo complexo que se delinea no limiar do século XXI.

A tradução do clássico livro de Adam Watson, nesse sentido, tem um valor especialmente significativo para a comunidade brasileira de relações internacionais. Isso porque ao possibilitar uma reflexão alternativa sobre o conceito-chave de sistema internacional, o livro também propõe profundas questões metodológicas.

Essas questões são derivadas do fato de Watson ter sido um dos membros do Comitê Britânico para a Teoria da Política Internacional. Foram nos trabalhos do comitê que foram desenvolvidas diversas idéias e discussões que acabaram caracterizando essa comunidade epistêmica pela denominação “Escola Inglesa das Relações Internacionais”. Pautado pela diversidade de seus membros, o comitê, assim como Watson, critica um dos princípios basilares das teorias realistas de relações internacionais que acreditam que o sistema internacional estaria em sua condição pré-social. Conseqüentemente é criticada nessa corrente realista uma visão empobrecida dos sistemas internacionais já que o excessivo “presentismo” e “eurocentrismo” acarreta uma visão muito pouco sofisticada da estrutura e processos característicos do sistema além da adoção de pressupostos de uma permanência estrutural que um exame histórico não justifica de nenhuma forma.

Nessa crítica, portanto, o estudo da história dos sistemas internacionais terá um papel central ao possibilitar a reflexão dos méritos e relevância de outros sistemas internacionais na compreensão da prática contemporânea das relações internacionais. Nessa reflexão uma das deduções mais importantes é, sem sombra de dúvida, a percepção de que toda vez que alguns Estados ou entidades são